

REFLEXÕES SOBRE GÊNERO: o que dizem as professoras da educação infantil?

MOREIRA, Mariana Carvalho ¹; ARAÚJO, Ludmilla Carneiro ²



ludmilla.araujo@unifagoc.edu.br

¹ Graduação Pedagogia - UNIFAGOC

² Docente Pedagogia - UNIFAGOC

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar as falas de quatro professoras sobre a presença da mulher na Educação Infantil e trazer algumas reflexões sobre a categoria de gênero. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa e entrevistas semiestruturadas com quatro professoras atuantes em turmas de Educação Infantil. Foi possível perceber que as professoras, de modo geral, entendem a presença da mulher na docência infantil como algo construído social e culturalmente, a partir da associação do cuidar com a Educação Infantil e a ideia de maternidade como algo inato da mulher. Foi constatado que, rompendo com esse paradigma, poderá haver maior valorização do profissional da Educação Infantil e deste importante seguimento de ensino. Pudemos supor, a partir dessa pesquisa, que através da desconstrução desses valores considerados naturais, será possível obter novas referências ao educador e dar um novo sentido à atuação deste profissional.

Palavras-chave: Gênero. Educação Infantil. Estereótipos. Modos de ser mulher.

INTRODUÇÃO

A área educacional, de modo geral, é um dos setores que mais emprega mulheres, especialmente a Educação Infantil (GOMES; ARAÚJO, 2004). Esta, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), corresponde à primeira etapa da educação básica e atende as crianças de 0 a 5 anos). A creche, por sua vez, é responsável por atender crianças de 0 a 3 anos e 11 meses (BRASIL, 2017).

Ao analisarmos historicamente a função das creches, vimos que elas surgiram concomitantemente à entrada das mulheres no mercado de trabalho e, como os pais não tinham onde colocar seus filhos para irem trabalhar, elas foram criadas para atender essas famílias. Essas instituições por sua vez, mudaram seu significado e função ao longo do tempo, sendo antes consideradas como espaço para proteção e guarda das crianças, ao passo que hoje podemos dizer que é um espaço educativo, que busca integrar as funções de educar e cuidar (GOMES, ARAÚJO, 2004). “Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo” (BRASIL, 2017, p. 36).

Sabemos que os cuidados com os filhos vêm quase sempre relacionados à mulher, por isso, podemos supor que isto reflete nas escolas que oferecem Educação Infantil, pois a grande maioria é composta por profissionais mulheres. Podemos afirmar que o trabalho

docente possui um estereótipo de “missão feminina, desde o período de consolidação como profissão até os dias, atuais, em que se constata uma maioria de mulheres nesta função” (ZIBETTI, 2007, p. 02).

Apartir disso, pretendemos problematizar a presença massiva de mulheres atuantes em creches, analisando juntamente com a categoria de gênero. Conforme Louro (1997), o conceito de gênero tem objetivo de definir as maneiras como as características sexuais são vistas e compreendidas.

Neste trabalho, entendemos o gênero como “uma categoria de análise importante para pensar as desigualdades entre homens e mulheres na sociedade” (MARCONDES; FERRARI, 2020, p. 96). De acordo com Scott (1995), essas desigualdades são produzidas culturalmente na sociedade, não sendo dadas biologicamente.

Apresentamos aqui a hipótese de que essas maneiras, ou modos de ser mulher, de acordo com a categoria de gênero, seriam construídos historicamente, fazendo com que as próprias mulheres professoras da Educação Infantil vejam a predominância feminina como algo natural, ou até mesmo, o pensamento de que as mulheres possuem um “dom” de cuidar de crianças e, por isso, se encaixam melhor do que homens neste tipo de emprego.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar as falas de quatro professoras sobre a presença da mulher na Educação Infantil e trazer algumas reflexões sobre a categoria de gênero.

REFERENCIAL TEÓRICO

A creche e sua relação com o advento do trabalho feminino

Para entender a relação da Educação Infantil com as mulheres, é necessário conhecer um pouco da história da entrada delas no mercado de trabalho e, conseqüentemente, a criação das creches para atender as crianças em determinada época.

Os locais de atendimento à primeira infância surgiram por volta do século XVIII, em um momento que as mulheres começaram a trabalhar e não tinham onde deixar seus filhos. Além dessas crianças, existiam várias outras, frutos de relações ilegítimas, abandonadas por suas mães em instituições que foram chamadas de creches (PEREIRA; CAMPOS, 2015). Nesse sentido, de acordo com as autoras, percebemos que a função das creches era acolher e cuidar dos pequenos, sem possuir a princípio uma proposta de desenvolvimento pleno da criança.

Neste contexto, a transformação da mulher em relação a sua posição social, principalmente no que diz respeito à inserção feminina no mercado de trabalho, foi o que influenciou o surgimento de creches (PEREIRA; CAMPOS, 2015). De acordo com as autoras, podemos observar que a creche surgiu a partir de uma influência direta da condição de maternidade da mulher trabalhadora, que não podia cuidar de seus filhos e

nem pagar alguém para que cuidasse deles.

No século XX, o atendimento à criança era influenciado pelo crescimento da economia no país que implicava a necessidade de mão de obra. “Este contexto econômico, ao mesmo tempo em que demandava mão de obra feminina para as indústrias (...) simultaneamente retirava os homens da educação, os quais se voltavam para setores mais promissores (PEREIRA; CAMPOS, 2015, p. 123)”.

A creche nessa época atendia, portanto, as famílias que precisavam de um lugar para deixar suas crianças seguras, sendo um lugar apenas para cuidado. No entanto, esta instituição sofreu inúmeras transformações desde o seu surgimento. Atualmente, é considerada parte da Educação Infantil, que compõe a primeira etapa da Educação Básica, e é reconhecida como direito das crianças, da família e dever do estado, como ressalta a Lei de Diretrizes e Bases, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que diz que: “O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: (...) II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade” (BRASIL, 1996).

Nesse sentido, a creche deixou de ser um espaço apenas de guarda e assistência e tornou-se um espaço também educacional, que visa o desenvolvimento amplo das crianças, como ressaltado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. (BRASIL, 2017, p. 36).

As creches, portanto, mudaram sua conotação ao longo do tempo, deixando de ser apenas um espaço onde a criança é assistida, tendo também uma função educacional. Apesar dessa mudança de concepção, há, desde a criação das creches, uma presença massiva de mulheres atuando com crianças, o que caracteriza o gênero predominante da Educação Infantil (PEREIRA; CAMPOS, 2015). Por isso, torna-se importante discutir as relações de gênero e a atuação de mulheres nos espaços da Educação Infantil.

A relação entre o gênero feminino e o trabalho com a Educação Infantil

Considerando a presença quase unânime de mulheres atuando em creches, mesmo tendo sido superada a ideia de que creche é lugar exclusivamente de cuidado, consideramos importante discutir sobre essa tendência naturalizada de associar a mulher

a essa função. Nesse sentido, é importante apresentar o conceito de gênero e sua influência na discussão sobre a profissão de professora de Educação Infantil.

Segundo Scott (1995, p. 75), “o termo ‘gênero’ é uma forma de indicar ‘construções culturais’ - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”. Nesse sentido, essas discussões surgiram para contestar essa ideia de que existem lugares pertencentes às mulheres e lugares dedicados a homens.

O conceito de gênero, portanto, refere-se à maneira como as particularidades sexuais são vistas, compreendidas e representadas em meio social e como essas características são trazidas a práticas sociais e são partes de um processo histórico (LOURO, 1997). Durante séculos perpetuou-se como paradigma indiscutível o patriarcado, onde o homem apresentava o papel econômico e de poder e a mulher o papel de ser cuidadora de seu marido, filhos e lar (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Dessa maneira, sabendo que a educação na primeira infância era tida como uma extensão do que se aprendia em casa, esse foi um dos motivos que levaram as mulheres para o magistério. Mediante as essas circunstâncias, ainda havia a ideia que a docência era uma habilidade da mulher, pois entendia-se que paciência e delicadeza eram características naturais do feminino e era importante para a educação (LOURO, 2006 *apud* ZIBETTI, 2007)

De acordo com Pereira e Campos (2015, p. 126):

(...) a mulher tem uma identidade condicionada a padrões de conduta. É evidente que a cultura de nosso país é bem distinta, porém, o patriarcado em que se viveu e em que se vive em muitas famílias influencia nossa identidade e, conseqüentemente, nossa prática na Educação Infantil, tanto que o trabalho é realizado quase que exclusivamente em torno de cuidado fragmentado, geralmente, do educar.

Segundo Gomes e Araújo (2004, p. 98), “o sistema educacional no Brasil é um dos setores que mais empregam mulheres”. Ainda segundo as autoras, em relação às creches, essa circunstância se agrava, em razão da característica dessas instituições que têm a educação e o cuidado como aspectos indissociáveis.

Dessa forma, é possível perceber que as creches ainda não conseguiram se desvincular desses estereótipos criados ao longo do tempo e nem mesmo as instituições familiares que, mesmo diante a tantas mudanças, não romperam com modelos tradicionalistas. Assim, a mulher continua sendo vista como a responsável pela educação e cuidado com os filhos (GOMES; ARAÚJO, 2004).

Com a mudança das creches, que deixou de ser um espaço exclusivo de cuidado e passou a ter caráter educacional, a mulher precisa constantemente comprovar a realização de um trabalho de qualidade dentro dessas instituições e não apenas de cuidado e relacionados à maternidade (PEREIRA; CAMPOS, 2006). Ainda assim, vale ressaltar que a profissão docente continua não atraindo homens, mesmo tendo sido acrescentada a questão educacional. Segundo Novaes (1948, p. 96 *apud* ZIBETTI, 2007, p. 2):

Não é só pelo problema financeiro, da baixa remuneração que os homens não buscam o Magistério. Vejo mais como um preconceito, um estereótipo social. Existem homens trabalhando no setor de serviços, às vezes portadores de escolaridade de segundo grau, trabalhando no comércio ou em escritórios que, considerando a sua jornada de trabalho, têm salário inferior ao das professoras. Não é que eu considere o salário das professoras alto, não há como pensar assim. O problema é que parece, os homens não buscam o magistério porque tradicionalmente, essa é uma profissão vista como feminina, "Lidar com criança é serviço de mulher", em casa e na escola. É assim que pensam, na nossa sociedade, não só os homens, mas, o que é pior as próprias mulheres.

Nesse sentido, nota-se que essa visão de que as mulheres devem ser as mais indicadas para trabalhar com a docência está presente não só no modo de ver dos homens, mas também nas mulheres, pois ambos estão inseridos na cultura que predomina a diferença no gênero.

Diante desse cenário é importante fomentar discussões sobre a desigualdade de gênero na educação. Pereira e Campos (2006, p. 127) comentam a importância em se falar sobre o assunto: "Discutir as questões de gênero na educação significa refletir sobre as relações das práticas educacionais cotidianas, desconstruindo e redescobrimo significados. Significa questionar conceitos pré-concebidos, determinações que sutilmente permeiam nossas práticas".

Diante disso, torna-se importante conhecer os discursos presentes nas falas de professoras, na tentativa de problematizar e desnaturalizar esse papel de educar e cuidar que, na teoria, seria apenas da mulher, entendendo que o cuidado não é algo natural ou biológico, mas sim fruto das relações de gênero que definem como uma mulher deve ser.

METODOLOGIA

Esta pesquisa pretendeu analisar algumas falas de professoras atuantes em creches e produzir uma reflexão sobre a categoria de gênero. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa que, segundo Rey (2002), está orientada à produção da ideia, sendo essencial a produção do pensamento, e não um conjunto de dados estatísticos. A pesquisa qualitativa não propõe uma visão final das relações estudadas, mas sim pretende construir questões que favoreçam o surgimento de outras formas de pensar.

Para esse propósito, foi utilizada a entrevista semiestruturada com quatro professoras, realizadas pelo whatsapp devido à pandemia do COVID-19. A escolha deste tipo de entrevista aconteceu pelo fato de entendermos a entrevista semiestruturada como uma abertura ao diálogo, e não como um momento parcial, organizado em forma de perguntas objetivas a serem respondidos de forma direta pelos entrevistados (REY, 2002).

A partir dessas entrevistas, os dados foram analisados por meio da composição das falas das professoras, como sentido dado às narrativas por nós, pesquisadoras.

Nesse sentido, os sujeitos da pesquisa são ativos narradores, mas ao mesmo tempo, são também narrados por aqueles que os pesquisam (CARVALHO, 2003).

Diante disso, apresentamos a seguir os resultados obtidos a partir desta pesquisa, discutindo com alguns estudiosos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para este trabalho, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro professoras que trabalham com Educação Infantil, com idade entre vinte e quatro e quarenta e seis anos, todas formadas em pedagogia e duas delas possuem, também, pós-graduação. Para essa pesquisa, as professoras serão chamadas de: Maria, Amanda, Natália e Rosa¹.

A partir das respostas conseguidas com as entrevistas, foi possível perceber que a escolha da carreira docente da maioria das professoras aconteceu devido à experiência que elas já tinham com crianças, como relatado na fala de Maria:

Antes de eu me formar eu sempre gostei muito de trabalhar com criança e eu já tinha trabalhado a um tempo atrás em uma creche em Juiz de Fora, lá que acabou me dando uma motivação maior (...) eu particularmente adoro trabalhar com crianças.

Amanda, por sua vez, também se atraiu pela pedagogia devido à sua paixão por crianças, como relatado em sua fala:

A pedagogia não era minha primeira opção de curso (...) sempre fui apaixonada por criança e tive a oportunidade de trabalhar em uma escola como auxiliar, a partir daí comecei a me interessar por essa área (AMANDA).

Nota-se, por meio dessas falas, que o contato anterior com crianças foi um fator determinante para a escolha da carreira docente.

Quando indagadas sobre o que elas achavam da predominância de mulheres atuando na Educação Infantil, a resposta foi unânime. Todas as professoras acreditavam ser fruto da cultura em que vivemos, onde é atribuída à mulher a função de cuidar, juntamente, com o fato de relacionarem a creche como um espaço de cuidado e não de educação. Uma das professoras ainda afirma que acredita ser difícil haver uma mudança neste cenário.

Hoje em dia as mulheres acabam predominando na educação infantil por todo um histórico cultural que a profissão vem tendo e por muitas pessoas acharem que a educação infantil é um lugar de cuidado né? E não de aprendizagem, então o cuidado sempre foi voltado para a mulher. Creio que aos poucos isso pode ir evoluindo e mudando se moldando, apesar de

¹ Os nomes utilizados neste trabalho são fictícios, para preservar a identidade das entrevistadas.

acreditar que por ser crianças tão pequenas o cuidado ainda vai ser como base principal, não base principal, mas uma das bases primordiais para a educação infantil, então é um cenário que eu acho difícil de mudar a predominância (NATÁLIA).

Zibetti (2007), em relação a essa ideia exposta por Natália, afirma que a educação feminina nunca foi feita para que suprisse suas necessidades, mas sim em relação à função que a mulher deveria ocupar na sociedade: educadora dos filhos, cuidadora do lar e do marido. Ainda segunda a autora a condição feminina relacionada à esfera doméstica como paciência, sensibilidade, doçura, intuição levaram ao pensamento de que a escola se tornou um reduto feminino, pois lá a mulher continuaria cuidando de crianças e executaria sua vocação maternal.

Foi indagado às docentes sobre a opinião delas em relação ao fato de as mulheres terem ou não mais aptidão para trabalhar com crianças do que os homens. Quase todas as professoras afirmaram que sim e reafirmaram que isso ocorre devida a função de cuidado com os filhos ser atribuída a mulher. Uma das professoras afirma que a mulher não tem mais aptidão, mas fala sobre a criação das mulheres sendo vistas como cuidadoras e sobre a criança ver a professora como uma substituta da mãe. Segundo Maria, “as mulheres tem aquele tipo extinto mãe, já tem mais prática, muitas vezes já cuidou do irmão, às vezes de alguma criança” (MARIA). Rosa corrobora com essa ideia quando diz que “Não acho que temos mais aptidão, mas fomos criadas numa sociedade em que a mulher é vista como a cuidadora, mãe, e nas creches seria essa a visão de continuidade do lar, dos cuidados e carinho com as crianças tentando suprir a mãe” (ROSA).

Dessa forma, percebemos que essas professoras estão conscientes de que o modelo de sociedade que vivemos institui modos de ser mulher, moldando muitas vezes as mulheres como voltadas para a maternidade. A construção social está perpetuada e, desta maneira, até nos dias de hoje podemos perceber preconceitos em relação à realização de algumas tarefas, o que faz com que a luta das mulheres seja um processo contínuo (PEREIRA; CAMPOS, 2015).

As docentes também foram perguntadas se elas acreditam que existe preconceito por parte dos pais e mães, caso haja um professor homem com as crianças. A resposta para essa questão foi unânime, pois todas acreditam que há preconceito e que isso ocorre devido ao fato de que o homem estaria ocupando um espaço que historicamente é visto com o sendo exclusivamente feminino. Segundo Natália “Com certeza acho que existe porque na nossa sociedade o homem nunca é um cuidador de crianças, ele sempre ajuda”. O uso dessa expressão “ajudar” nos remete aos papéis construídos em relação ao gênero, como se fosse papel da mãe cuidar dos filhos, e o pai é apenas um ajudante. Segundo Borba e Guizzo (2020, p. 326), “a sociedade institui a maternidade como um “dom” que as mulheres têm obrigação moral de exercer (...) promovendo desigualdades entre os gêneros e visões excludentes, discriminatórias e estereotipadas da identidade feminina e do seu papel social”.

Percebemos, portanto, que essas maneiras de pensar em relação a atributos

femininos e masculinos restringem homens e mulheres a se envolverem em certas atividades, limitando, quase sempre, as mulheres a trabalhos relacionados ao ambiente doméstico ou extensões de suas casas, que é o caso de creches (GOMES; ARAÚJO, 2004).

Quando questionadas sobre qual deve ser o perfil do docente para atuar na Educação Infantil, as opiniões se dividiram. Maria e Rosa citaram o amor e o carinho pelas crianças e pela profissão como base para ser uma boa professora, como mostrado na fala de Rosa: "A professora na Educação Infantil deve ser uma profissional carinhosa, disposta, dinâmica e gostar muito de criança. E claro ter a formação necessária para atuar". Amanda e Natália acreditam, pois, que essa visão precisa mudar e que o professor deve ser pesquisador e observador. Para essas últimas, o professor deve entender sobre o desenvolvimento infantil e saber enxergar o que cada criança necessita, como demonstrado na fala de Natália:

Pra mim hoje, o perfil de um docente pra atuar na educação infantil é um perfil de professor pesquisador, ele tem que estar sempre em pesquisa sobre o desenvolvimento infantil, ele tem que tá sempre entendendo sobre o desenvolvimento infantil, ser curioso, ser paciente, conseguir ser observador, observar o desenvolvimento de cada criança que ele vai ter na educação infantil, ser um professor que gosta de instigar a curiosidade e que gosta de instigar as descobertas independente de ser homem ou mulher (NATÁLIA).

Podemos perceber, portanto, que ser professor na Educação Infantil, segundo Natália, vai muito além de cuidar, de dar carinho, atenção, ou atitudes relacionadas à maternidade. Ser um bom professor é pesquisar, estudar, buscar conhecimento o máximo possível para atuar da melhor forma, como em qualquer outra profissão. Isso nos faz refletir sobre a importância de desmistificar a profissão docente como exclusiva da mulher, pois os homens também podem atuar como professores.

Diante dos dados obtidos na pesquisa, foi possível perceber que o papel histórico da mulher na sociedade ainda tem influência sobre a docência em educação infantil. Portanto, a especialização e valorização dos educadores no campo da educação tornam-se fundamentais. A educação da primeira infância envolve, pois, a educação e os cuidados necessários às crianças pequenas e dessa forma um deve complementar o outro e não substituir (GOMES; ARAÚJO, 2004). Dessa forma, não existe um gênero ideal ou indicado para trabalhar com crianças, sendo essa questão puramente cultural e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as falas de quatro professoras da Educação Infantil e trazer algumas reflexões sobre a categoria de gênero.

Constatamos, a partir das falas, que existe um grande preconceito em torno do papel da mulher na sociedade, quase sempre sendo associado com profissões

voltadas para a área da docência, especialmente a Educação Infantil, espaço ocupado quase majoritariamente por mulheres. A mulher até hoje é vista com características essencialmente femininas o que reproduz estereótipos de gênero, que são, muitas vezes, entendidos como aspectos naturais e não gerados socialmente. Apesar de as professoras terem se mostrado conscientes deste fato, elas não conseguem ver maneiras de mudar este cenário.

Outro ponto tratado foi em relação à função da Educação Infantil. Apesar de muitos avanços no âmbito desta etapa, ainda não foram rompidos todos os estigmas que associam a prática aos discursos de assistência, apesar de esta etapa ser considerada como a primeira da educação básica, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esse é um dos fatores que faz com que haja uma associação muito forte do papel da mulher, pois a conotação do cuidar ainda é muito presente, mesmo os documentos afirmando que o papel da creche atualmente vai muito além do cuidar, havendo uma junção com o educar. Apesar disso, algumas entrevistadas reforçaram a importância de haver uma maior valorização dessa profissão por parte das docentes, que devem estar sempre se especializando e buscando ser professoras pesquisadoras.

A sociedade, pois, determina que cabe à mulher cuidar dos filhos, e ao marido trabalhar fora. Esse discurso, apesar das lutas das feministas, ainda é muito forte e presente em nossa sociedade. Por isso, concluímos que somente através da desconstrução desses valores considerados naturais, será possível obter novas referências ao educador e dar um novo sentido à atuação deste profissional da Educação Infantil. Além disso, rompendo com esse preconceito, poderá haver maior valorização do profissional da Educação Infantil e deste importante seguimento de ensino.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394. Brasília, 20 de dezembro 1996.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Básica, 2017.

BORBA, Tatiane Nascimento de; GUIZZO, Bianca Salazar. Representações de maternidade/paternidade em materiais didáticos contemporâneos: um estudo a partir das questões de gênero. **RECH - Revista Ensino de Ciências e Humanidades - Cidadania, Diversidade e Bem Estar**, ano 4, v. VI, n. 1, jan./ jun. 2020, p. 322-340. Disponível em: file:///C:/Users/Ludmila/Downloads/7578-Texto%20do%20artigo-20852-1-10-20200529.pdf Acesso em: 25 nov. 2020.

CARVALHO, I. C. M. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 283-302, jul. 2003.

GOMES, R. F. F.; ARAUJO, M. F. **Gênero no cotidiano da creche**: mãe, mulher ou educadora infantil? Temas em Educ. e Saúde, Araraquara, SP, Brasil. 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARCONDES, G. S.; FERRARI, A. Formação inventiva de uma professora-pesquisadora no encontro com mulheres ciganas: pesquisa-intervenção e estudos foucaultianos. **Mnemosine**, v. 16, n. 1, p. 85-107, 2020.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicol. Soc.**, v. 18, n. 1, Porto Alegre, jan./abr. 2006.

PEREIRA, Ivanete Fernandes; CAMPOS, Míria Izabel. Surgimento das instituições de atendimento à criança e a mulher trabalhadora: uma relação histórica. **Horizontes - Revista de Educação, Dourados**, MS, v.3, n5, jan.- jun. 2015.

REY, F. L. G. **Pesquisa qualitativa em psicologia**. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 2002.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 02, p. 71-99, 1995.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto. O que pensam professoras de educação infantil sobre a feminização da profissão docente? In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. ANPED: 30 ANOS DE PESQUISA E COMPROMISSO SOCIAL, 30., 2007, Caxambu. **Anais...** Caxambu/MG: ANPED, 2007, p. 01-15. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT23-3041--Int.pdf> Acesso em: 29 out. 2020.